

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CEZAR AUGUSTO MOREIRA

THAÍS FRANÇA NALDI

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E DIÁSPORA HAITIANA: UM ESTUDO SOBRE O
TERCEIRO SETOR DENTRO DO CONTEXTO MIGRATÓRIO

CURITIBA

2015

CEZAR AUGUSTO MOREIRA
THAÍS FRANÇA NALDI

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E DIÁSPORA HAITIANA: UM ESTUDO SOBRE O
TERCEIRO SETOR DENTRO DO CONTEXTO MIGRATÓRIO

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de Tecnólogo em Comunicação Institucional no curso de graduação em Tecnologia em Comunicação Institucional, Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana da Silva Passos

CURITIBA

2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer à nossa orientadora diva Juliana Passos: professora, obrigado! Sem você esse TCC não teria acontecido.

Gostaríamos também de agradecer às nossas mães, nossas rainhas, e à nossa família. Amamos vocês!

Não podemos nos esquecer dos nossos amigos do Grupo Cool, vocês nos ajudaram a arrasar do primeiro ao último semestre. Sem vocês a faculdade não teria graça.

Agradecemos também a todos que fizeram parte desse trabalho, direta ou indiretamente.

Last but not least, agradecemos um ao outro pelo suporte, encorajamento, puxões de orelha (e cabelo, às vezes), pela companhia nas madrugadas em claro, pela paciência e pelas risadas. A gente se ama.

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2006, p. 40)

RESUMO

Após o terremoto de 2010 na República do Haiti, a diáspora haitiana se intensificou no Brasil. Estima-se que em 2014 mais de 30 mil haitianos (COGO, 2014, p. 236) já haviam atravessado as fronteiras brasileiras em busca de melhores condições para recomeçar. O crescimento repentino e constante do movimento migratório causa diversos problemas, sejam eles culturais ou sociais. Com intuito de amenizar esse impacto, instituições de auxílio a migrantes são criadas no Terceiro Setor. Com suas limitações financeiras, estruturais e profissionais, o trabalho dessas organizações, muitas vezes, carece de melhoras. As barreiras culturais e de linguagem são as principais causadoras dessas falhas, tendo em vista que a comunicação é intrínseca ao indivíduo e faz parte do seu cotidiano. A comunicação intercultural, no contexto migratório mundial, está ligada diretamente à inserção e à inclusão do migrante em uma nova cultura. A partir de entrevistas realizadas através do método História de Vida e análises de ONGs, esse trabalho visa identificar a problemática das barreiras de comunicação e cultura e vislumbrar possibilidades de melhora.

Palavras-chave: comunicação intercultural; diáspora haitiana; Terceiro Setor.

ABSTRACT

After the 2010 earthquake in Republic of Haiti, Haitian diaspora has intensified in Brazil. It is estimated that in 2014 more than 30 thousand Haitians had already crossed Brazilian borders searching for better conditions to start over. The sudden and constant increasing of the migratory movement caused many problems, whether cultural or social. In order of mitigate this impact, aid institutions for migrants were created in the Third Sector. Therefore, with their financial, structural and professional limitations, these organizations work struggle. The cultural and language barriers are the main cause of failure, as communication is intrinsic to the individuals and part of theirs daily routine. The intercultural communication in the migratory context is directly connected to the placement and inclusion of the migrant in a new culture. Through interviews made based on the Life History method and the NGOs analysis, this article aim to identify the communication and cultural barriers problems as well as explore possible solutions.

Key words: intercultural communication; Haitian diaspora; Third Sector.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DIÁSPORA HAITIANA	10
3. COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E TERCEIRO SETOR	19
3.1. Cultura e identidade	19
3.2. O processo comunicacional e a comunicação intercultural	25
3.3. O Terceiro Setor	30
3.3.1. Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH)	33
3.3.2. Centro de Atendimento ao Migrante (CEAMIG)	35
4. DANDO VOZ AOS SUJEITOS: ENTREVISTAS COM OS IMIGRANTES HAITIANOS	37
4.1. João e Carlos	40
4.2. Ana	41
4.3. Ricardo	42
4.3. Resultados	43
5. CONSIDERAÇÕES	44
6. REFERÊNCIAS	47
7. ANEXOS	51

1. INTRODUÇÃO

O atual fenômeno migratório mundial atinge o Brasil de maneira notável. Com a chegada desses migrantes, o país se vê no dever de oferecer melhores condições e abrigo, mas por vezes falha no processo. O despreparo, a falta de estrutura e também de planejamento para esse movimento em crescimento constante não colaboram para a (re)locação desses indivíduos dentro do Brasil, que na atual condição de recessão econômica, sofre para recebê-los.

Após o terremoto de 2010 na República do Haiti, a imigração haitiana se intensificou no Brasil. Estima-se que em 2014 mais de 30 mil haitianos (COGO, 2014, p. 236) já haviam atravessado as fronteiras brasileiras em busca de melhores condições para recomeçar. Muitos desses haitianos deixaram suas famílias para trás, na esperança de proporcionar uma vida melhor para elas, mesmo de longe.

Os desafios enfrentados pelo Brasil não se resumem à falta de infraestrutura ou de legislação para o amparo desses refugiados. As barreiras comunicacionais e culturais são de grande importância dentro do tema. O idioma, os costumes e o estranhamento do novo são apenas alguns dos desafios enfrentados pelos migrantes, que passam por um processo de aculturação na busca de suas novas identidades.

Com a falta de estrutura e planejamento governamentais, diversas instituições surgiram por todo o Brasil com o intuito de ajudar a organizar esses movimentos migratórios mas, por vezes, não conseguem desempenhar o papel ao qual se destinam, pois não se encontram aptas a realizar as atividades de auxílio de maneira apropriada para atender ao público-alvo, lidando com as barreiras culturais e o sofrimento histórico.

Foi pensando neste problema e visando o incentivo da diversidade e compreensão cultural que propomos este trabalho, tendo como objetivo principal analisar, sob o prisma comunicacional e cultural, as instituições e organizações que oferecem algum tipo de assessoria aos imigrantes haitianos que chegam ao Brasil diariamente.

Essa pesquisa possui caráter descritivo-exploratório e tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito

ou a construir hipóteses”, envolvendo o levantamento bibliográfico e documental¹, além de entrevistas para a “descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 2007, p. 42), no caso, a diáspora haitiana. Para facilitar a compreensão, dividimos o atual trabalho em três eixos.

No primeiro eixo apresentamos a República do Haiti, sua história e geografia e contextualizamos o fenômeno da diáspora haitiana dentro do Brasil, bem como no Estado do Paraná, através de pesquisa documental.

No segundo eixo conceituamos cultura e identidade, termos importantíssimos dentro do contexto migratório contemporâneo, além de apresentarmos o processo de comunicação e a comunicação intercultural, ferramentas para o auxílio e a melhoria desses canais. Neste eixo introduzimos também o Terceiro Setor, que abrange as organizações e instituições que serão analisadas dentro de nossa pesquisa.

No terceiro e último eixo deste trabalho, apresentamos os resultados das entrevistas, realizadas com imigrantes haitianos através do método de História de Vida.

Nesta pesquisa, buscamos investigar as necessidades de comunicação entre as ONGs e os sujeitos, representados por quatro imigrantes haitianos entrevistados, residentes na capital paranaense, bem como a análise dos instrumentos de comunicação e conteúdos veiculados pelas organizações não governamentais que se propõem a atender este público específico, representadas por duas ONGs selecionadas para esta investigação. Assim, temos como objetivo identificar de que maneira tais propostas de trabalho atendem estes imigrantes, auxiliando efetivamente na inserção social, e refletir de que modos os conhecimentos da Comunicação Institucional poderiam colaborar para um trabalho mais eficiente.

¹ A pesquisa bibliográfica e documental se caracteriza a partir do levantamento de referências teóricas já publicadas, como livros e artigos científicos. Já a pesquisa documental abrange fontes mais diversificadas, como jornais, revistas, páginas da internet, fotografias e vídeos de programas de televisão (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 35).

2. DIÁSPORA HAITIANA

Com o crescimento econômico das últimas décadas, o Brasil projetou-se no cenário internacional, tornando-se um dos destinos de grandes imigrações mundiais, com destaque para o número de imigrantes haitianos que, após o abalo sísmico que a República do Haiti sofreu em 2010, cresceu exponencialmente. Os haitianos migram para o Brasil em busca de melhores condições de vida e trabalho, mas esse caminho é árduo e o resultado nem sempre positivo.

A situação atual do Haiti, bem como as marcas deixadas por uma história de lutas por uma independência e pelo empoderamento de um povo fortemente colonizado, somado com o ocorrido em 2010, um terremoto que desestruturou um país que estava tentando se reestruturar, acabou gerando uma corrente de migrações haitianas para diferentes locais do mundo, e em grande parte para o Brasil. (DUTRA, 2014, p. 37)

Esse trabalho busca identificar e estudar as demandas de comunicação entre esses imigrantes, organizações que os auxiliam e a sociedade brasileira através de pesquisa e análise do discurso de haitianos residentes no estado do Paraná bem como do trabalho das respectivas organizações.

Oficialmente chamado de República do Haiti, o país se localiza na América Central e tem mais de 27 mil quilômetros quadrados e cerca de 9 milhões de habitantes, 95% negros e 5% mestiços e brancos, sendo o terceiro maior país do Caribe tanto em área quanto em população. O Haiti partilha a ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, com a República Dominicana. Sua capital, Porto Príncipe, é onde se concentra a maior quantidade de habitantes, além dos outros dez departamentos do país. Os idiomas oficiais do país são o francês e o crioulo haitiano – conhecido também como *créole*, um idioma baseado no francês, falado por apenas aproximadamente 12 milhões de pessoas no mundo (LOUIDOR, 2013).

Antiga colônia francesa, o Haiti foi o primeiro país a conquistar sua independência na América Latina, como resultado de uma revolta de escravos em 1793, chamada de Revolta Haitiana, que durou cerca de dez anos.

De todas as mudanças de líderes no poder do Haiti, o que cabe ressaltar é a instabilidade política marcada por fortes disputas e mortes em massa. O Haiti possui em sua trajetória uma marca que fará parte do resto de sua história: marcas da exploração, da colonização. (DUTRA, 2014, p. 29)

Além disso, a República do Haiti foi o primeiro país do mundo a abolir a escravidão, sendo que seus primeiros líderes foram ex-escravos.

O Haiti foi formado pelos diversos povos africanos vítimas da escravidão a que foram submetidos como força de trabalho. No tempo de sofrimento e expulsão de sua terra, o povo foi gerando a resistência cultural, espiritual e política por seus direitos, vidas e identidade, conseguindo preservar suas raízes originárias. Através de sua história, foram objetos de diversas dominações e ditaduras que levaram o povo a situações limite, e o povo haitiano teve a capacidade de sobrepor-se e gerar a resistência para conquistar a construção de novos espaços de liberdade. (ESQUIVEL, 2013, p.6)

A violência política toma conta do país desde seus primórdios, um dos grandes motivos para que o país tenha o pior Índice de Desenvolvimento Humano da América. De acordo com o Informe Mundial do PNUD de 2014, o Haiti ocupa a posição 168 entre os 182 países do mundo².

Segundo o Instituto Germânico de Monitoramento, o Haiti possui uma grande vulnerabilidade a desastres naturais, ocupando o terceiro lugar no Índice Global de risco climático (CRI) entre os anos de 1993 – 2012³. O maior deles ocorreu em 12 de janeiro de 2010, um abalo sísmico que alcançou a magnitude de 7,0 na escala Richter e afetou mais de 3 milhões de pessoas, levando a cerca de 217 mil mortes e a destruição quase completa do país⁴.

Em relatório realizado pelo ACNUR, no mesmo ano em que o terremoto se deu, mostra-se que mais ou menos 1.800 casas desabaram e/ou foram danificadas

² Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014.pdf>> Acesso em 14/07/2015.

³ Disponível em: <<http://germanwatch.org/en/download/8551.pdf>> Acesso em 14/07/2015.

⁴ Disponível em: <<http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/home/opendocPDFViewer.html?docid=4bc71c109&query=haiti>> Acesso em 14/07/2015.

e 105.000 foram completamente destruídas; 60% da infraestrutura econômica e governamental foi destruída, 4992 escolas, 23% de todo o Haiti foram atingidas e 80% das escolas de Porto Príncipe foram destruídas.

Informações do site da ONG Human Rights Watch, através do relatório de 2011, apontam que 3 milhões de pessoas foram afetadas de alguma forma pelo terremoto em questão; desses, 222.000 foram mortos, 300.000 feridos, incluindo 4.000 a 5.000 amputados, e pelo menos 1.600.000 acabaram desalojadas. (DUTRA, 2014, p. 23)

O termo *diáspora* pode ser definido como uma “dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos” (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, 1969). O termo derivou-se da dispersão do povo judeu durante o Holocausto, mas ao longo do tempo foi tomando novos significados e sentidos sociais. Para os haitianos, o termo *dyaspora* (*créole* para diáspora) é repleto de significados, se tornando adjetivo e inclusive marca própria de um povo, podendo dizer respeito a pessoas, casas, dinheiro, objetos e até músicas (HANDERSON, 2015).

O termo *diaspora*⁵ serve como adjetivo para qualificar pessoas, além de designar a comunidade haitiana transnacional, o sujeito coletivo. É comum os haitianos no Haiti usarem a palavra *diaspora* para chamar outro compatriota que parte, reside *aletranje*⁶, envia remessas etc: “Diaspora ki jan ou ye?” (*Diaspora* como vai você?), “Sa k’ap fèt diaspora?” (O que tem feito, *diaspora*? Como está indo, *diaspora*?), “Mwen se diaspora” (Sou *diaspora*). Estas expressões caracterizam o termo *diaspora* como categoria de autodesignação e de alteridade, permitindo diferenciar os que vivem *aletranje* em relação àqueles que ficam no Haiti. (HANDERSON, 2015, p. 352)

Após o abalo de 2010, a diáspora haitiana se intensificou. Segundo Hall (2003), os indivíduos migram por diversas razões, sejam elas “desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, (...) repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico”. No caso da migração haitiana, quase todos esses motivos são aplicáveis. Levando em consideração a situação econômica e política precária da República do Haiti, é possível entender a necessidade e vontade dos haitianos em deixarem sua pátria em busca de melhores condições para si e suas famílias, pois, como afirma Boff, “o ser humano e a sociedade não podem viver sem uma utopia. (...) não podem deixar de projetar seus melhores

⁵ “A palavra *diaspora* está em itálico e sem acento para realçar seu uso em *créole* entre os haitianos, língua oficial do Haiti junto com o francês, assim como aquela com “y”, *dyaspora*” (HANDERSON, 2015, p. 21).

⁶ “no exterior” (HANDERSON, 2015, p. 37).

sonhos nem desistir de buscá-los dia após dia” (BOFF, 2008, p. 81). Estima-se que mais de um milhão e meio de haitianos residem fora do país, em países da América Latina como Peru, Bolívia e Brasil, além de países da América do Norte e Europa, sendo esses dois últimos destinos menos frequentes, por conta das dificuldades de ingresso.

Nas redes de migrações também é encontrado o termo refugiado, que pode ser conceituado como “sujeitos forçados a se deslocar de um país para outro devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, política, nacionalidade ou grupo social” (DUTRA, 2014, p.17). Os refugiados estão amparados por diversas leis e estatutos ao redor do mundo. Após a Segunda Guerra Mundial e a criação da ONU, surgiram os primeiros documentos de amparo e de status legal do termo refugiado, como a Convenção de Genebra de 1951, considerada até hoje a Lei Maior do direito internacional dos refugiados (DUTRA, 2014).

Em 1997, o Brasil criou a sua própria legislação sobre refúgio e refugiados, chamada de Estatuto dos Refugiados. O documento reconhece como refugiados os sujeitos que foram obrigados a sair de seus países devido a conflitos armados, violência e violação de direitos humanos e ainda assume o compromisso internacional de oferecer suporte e proteção a refugiados que buscam integração e sustento (DUTRA, 2014).

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (Lei 9474/97)⁷

Embora o termo refugiado não se aplique exatamente ao caso dos migrantes haitianos, pois não sofrem diretamente de nenhuma perseguição política, social ou

⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm> Acesso em 15/07/2015.

racial, existe ainda o termo refugiado ambiental, caracterizado por serem indivíduos que foram obrigados a se deslocarem de seu país de origem devido a catástrofes ambientais, causadas ou não, pelo homem.

Dentre os refugiados, encontram-se os chamados refugiados ambientais, aqueles que foram forçados a se deslocar, internacionalmente, devido a catástrofes ambientais, tempestades, terremotos, ou seja, pessoas que migram devido a fatores ambientais, bem como por superexplorações e escassez de recursos ambientais que podem comprometer a vida do ser humano. (DUTRA, 2014, p. 20)

Os refugiados que escolhem o Brasil como destino percorrem um caminho que pode levar de 15 dias a um mês. A escolha dos trajetos está diretamente ligada a variáveis como custos do percurso, que podem ser abusivos, e as facilidades de entrada no país de destino, além da dependência de interesses dos chamados "coiotes"⁸, que agenciam esses refugiados (ver anexo 1).

O ingresso de haitianos no Brasil tem sido feito através de rotas que incluem o deslocamento aéreo da República Dominicana ou de Porto Príncipe para o Equador e, em alguns casos, por via terrestre pelo Peru. Esse trajeto é seguido de um percurso, também terrestre, até as cidades de Brasília e Assis Brasil (no estado do Acre) ou Tabatinga (no estado do Amazonas), três cidades situadas na região norte do Brasil. Em alguns casos, os imigrantes chegam também pela cidade de Corumbá, situada no estado do Mato Grosso do Sul. (COGO, 2014, p. 237)

Em grande parte das organizações que fornecem abrigo no estado do Acre o suporte é temporário, pois estão em estado de superlotação e não possuem estrutura física e financeira para atender a demanda de imigrantes que chegam todos os dias.

Segundo entrevista⁹ concedida pelo padre Paolo Parise, da Paróquia Nossa Senhora da Paz de São Paulo, em maio de 2015, os haitianos vêm ao Brasil na esperança de ter melhores condições para viver. A informação que eles recebem é que

⁸ "Pessoas ou grupos que cobram para introduzir, de modo "ilegal", migrantes nas fronteiras entre países" (COGO, 2014, p. 238).

⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/estamos-em-emergencia-diz-padre-que-acolhe-haitianos-em-sp.html>>

o Brasil oferece muitos empregos, mas desconhecem a atual retração econômica do país.

Após a entrada no Brasil, esses haitianos buscam a legalização através da aquisição do visto permanente, concedido pelo Brasil, e se deslocam para diversos estados, principalmente os da região Sul e Sudeste, onde procuram por um lugar para morar e estabilidade econômica para tal.

A legalização dos haitianos é realizada através do oferecimento de residência permanente e vistos humanitários pela Polícia Federal, concedidos por meio da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, expedida pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que determina:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.

Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País¹⁰.

Nota-se que através dessa Resolução Normativa o número máximo de vistos concedidos era de uma média de 100 por mês, totalizando um total de 1.200 por ano, mas com o aumento gradual de haitianos que chegavam, e ainda chegam, ao país, o CNIg se viu obrigado a revogar esse limite. Em abril de 2013, foi publicada a Resolução Normativa 102:

Art. 2º. Fica revogado o parágrafo único do art. 2º da Resolução Normativa nº. 97, de 2012¹¹.

¹⁰ Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>> Acesso em 15/07/2015.

¹¹ Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3DCADFC3013E654069C31B65/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20Normativa%20N%C2%B0%20102,%20de%2026-04-2013.pdf> Acesso em 15/07/2015.

Dessa forma, os imigrantes haitianos que possuem o visto não são considerados refugiados dentro do território brasileiro, podendo ser reconhecidos como cidadãos brasileiros, amparados por leis e direitos como todo brasileiro nato. Não se tem conhecimento de números exatos de imigrantes, haitianos ou não, dentro do Brasil. A entrada ilegal e o grande fluxo diário de entrada dos mesmos dificulta a contabilidade destes números. Dados de 2014 do “Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), apontam para a presença de aproximadamente 30 mil imigrantes haitianos” (COGO, 2014, p. 236) e estima-se que em 2015 mais de sete mil haitianos já passaram pelo Acre¹². De acordo com dados do relatório de pesquisa publicado e divulgado pelo CNIg, Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil e Organização Internacional para a Migração, em fevereiro de 2014 estimava que o número total de imigrantes haitianos no Brasil poderia chegar a mais de 50.000 até o final de 2014¹³. A Assessoria de Direitos Humanos de Curitiba afirma que entres os anos de 2012 e 2014 mais de 4 mil haitianos foram recebidos na capital paranaense¹⁴.

¹² Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/mais-de-sete-mil-haitianos-entraram-no-brasil-pelo-acre-so-em-2015.html>> Acesso em 28/05/2015.

¹³ BRASIL. Conselho Nacional de Imigração, Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil e Organização Internacional para a Migração. Relatório da fase brasileira da pesquisa “Migração dos haitianos ao Brasil e Diálogo Bilateral”. Belo Horizonte, 2014.

¹⁴ <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/sine-curitiba-e-porta-de-entrada-para-haitianos-no-mercado-de-trabalho/34671>> Acesso em 19/11/2015.

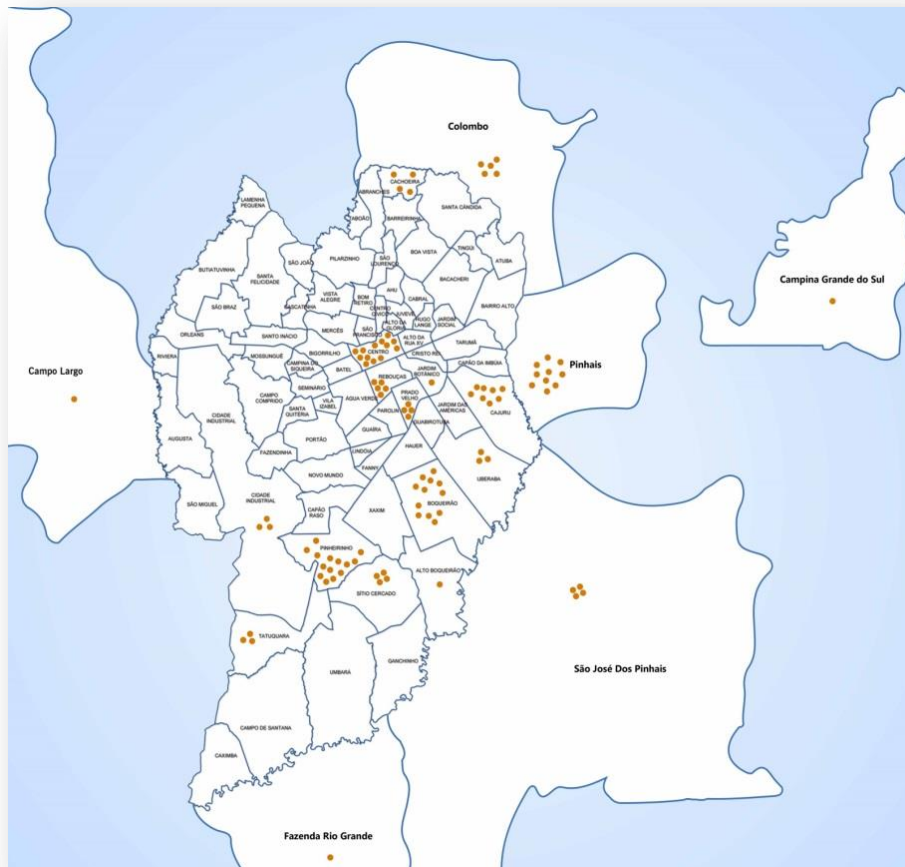


FIGURA 1: MAPA DE CURITIBA/PR E DISTRIBUIÇÃO DE HAITIANOS PELA CIDADE E REGIÃO METROPOLITANA.
 FONTE: CURSINO E RUANO (2015, p.5)

Sem dinheiro, abrigo, informação e sem o conhecimento da língua portuguesa, esse imigrantes são acolhidos na maioria dos casos por instituições não governamentais (ONGs) ou religiosas. O papel dessas instituições no processo de inserção social e transição cultural dos imigrantes haitianos é de suma importância. A demanda de auxílio nos locais de destinos secundários é cada vez maior, por isso, as ONGs desenvolvem trabalhos para o atendimento desses estrangeiros por todo o país, não oferecendo apenas abrigo e alimentação, mas também auxílio judicial para a regularização dos documentos e vistos, aulas de português, assessoria na procura de empregos e orientações para a inserção desses indivíduos à nova comunidade, pois “a

exclusão do imigrante seria uma exclusão do seu direito à vida, do direito de viver com certa dignidade dentro de uma sociedade” (DUTRA, 2014, p. 16).

3. COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E TERCEIRO SETOR

Segundo Marchiori (2006, p. 26), “cultura e comunicação têm uma das relações mais íntimas do mundo do conhecimento”, sendo uma a expressão de outra e indispensáveis no cenário mundial atual.

Para entender a importância e a relevância desse tema dentro da diáspora haitiana, foco de nossa pesquisa, é necessário recorrer aos diversos conceitos de cultura, além de traçar um paralelo com os processos de comunicação e comunicação intercultural, fortalecendo o vínculo entre cultura e comunicação.

O Terceiro Setor surge como resposta às demandas sociais que o Estado (Primeiro Setor) e o privado (Segundo Setor) não conseguem responder. A comunicação dentro de uma organização de Terceiro Setor é o principal meio para que tudo funcione, e é através dela que a organização angaria fundos para o financiamento de suas atividades e capta voluntários para a construção da instituição e chega ao seu público alvo.

3.1. *Cultura e identidade*

Ter um senso de cultura e tudo que é relacionado a ela é um atributo único da humanidade. Cultura é uma ferramenta fundamental para a resolução de problemas em certos ambientes. Ela permite que as pessoas criem seus universos particulares, controlem seus destinos e cresçam. Compartilhar o legado de diferentes culturas permite o avanço social, econômico, tecnológico e o desenvolvimento humano. A cultura pode ser analisada em um contexto macro, como em termos nacionais, ou em contextos micro, como uma organização¹⁵. (HARRIS, MORAN E MORAN, 2004, p.31)

¹⁵ Tradução nossa de: “Having a sense of culture and its related skills are unique human attributes. Culture is fundamentally a group problem-solving tool for coping in a particular environment. It enables people to create a distinct world around themselves, to control their own destinies, and to grow. Sharing the legacy of diverse cultures advances our social, economic, technological, and human development. Culture can be analyzed in a macro context, such as in terms of national groups, or in a micro sense, such as within a system or organization”.

É importante ressaltar que não existe um consenso acerca do termo cultura. Desde os primórdios da sociedade, teorias e conceitos sobre o tema foram traçados e estudados, mas a interpretação de cultura está condicionada ao tempo e ao espaço.

Para exemplificar o termo cultura começamos pelo sentido etimológico da palavra. Originada do latim *cultura*, que não sofreu alterações em sua tradução para a Língua Portuguesa, significa “o ato ou efeito de cultivar”, que nos remete a interpretação de que a cultura é como uma planta, a qual você planta e ela nasce, devendo ser cultivada para que não sofra (ROSA, 2002, p.07).

Segundo Cuche (1999, p. 9-10) “o homem é essencialmente um ser de cultura”, o que permite com que ele se adapte ao meio em que vive, tornando possível a transformação da natureza. O autor ainda menciona que a noção de cultura envolve os modos de vida e de pensamento do sujeito.

Segundo a “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural” publicada pela UNESCO em 2002,

a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças¹⁶.

Para Geertz (2008), cultura pode ser conceituada como

(...) um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2008, p. 66)

A partir destes conceitos de cultura se pode extrair que esta é inerente ao homem, cultivada desde o começo de sua vida, considerada um conjunto de

¹⁶ Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em 16/09/2015.

significados que envolvem os símbolos de um mesmo grupo, como seus traços espirituais, intelectuais e afetivos, além de suas crenças e seus valores.

Para Harris, Moran e Moran (2004) a cultura é algo que pertence à humanidade, que é transmitido de gerações a gerações, permitindo o conhecimento pessoal:

Cultura é uma maneira distinta dos humanos se adaptarem a circunstâncias e transmitir essa habilidade e conhecimentos às gerações seguintes. A cultura permite que pessoas saibam quem elas são, onde pertencem, como se comportam e como devem agir. Cultura é algo que influencia nosso comportamento, nossa moral, produtividade, atitudes e ações¹⁷. (HARRIS, MORAN E MORAN, 2004, p. 4)

Aprofundando mais os conceitos de cultura, chegamos à teoria de Fons Trompenaars (1994) de que a cultura é como uma cebola, formada por camadas e que para sua compreensão total é preciso descascá-la, camada por camada. Segundo Trompenaars (1994) a primeira camada, a mais exterior, é identificada como “artefatos e produtos”, onde se nota a cultura explícita, observável. Neste movimento de observação é que se formam os preconceitos, os julgamentos negativos. A segunda camada, chamada de “normas e valores”, integra os níveis de cultura menos explícitos, aqui se encontra o entendimento mútuo de um grupo como valores de certo ou errado, bem ou mal, levando assim a criação de leis escritas. Na terceira e última camada, a de “premissas básicas e explícitas”, o autor explica que é a camada onde se encontra a razão da existência, tendo como valor mais básico o da luta pela sobrevivência.

Ainda sobre a conceituação de cultura, Trompenaars (*apud* YAMAGUTI, 2001, p. 15) compara a significação de cultura para o homem com o papel da água para o peixe: “um peixe apenas toma consciência da existência da água e de sua necessidade de água quando está fora dela. A cultura para o homem é como a água para o peixe. Ela nos sustenta; vivemos, respiramos e agimos com base nela”.

¹⁷ Tradução nossa de “Culture is a distinctly human means of adapting to circumstances and transmitting this coping skill and knowledge to subsequent generations. Culture gives people a sense of who they are, of belonging, of how they should behave, and of what they should be doing. Culture impacts behavior, morales, and productivity at work, and includes values and patterns that influence company attitudes and actions”.

Segundo Geert Hofstede (2001, p. 9 *apud* QUEZADA, 2010, p. 13) cultura é “a programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas de outro”. Sendo assim, Hofstede (1997, 2001 *apud* QUEZADA, 2010) também apresentou uma teoria similar a da cebola, dividida em quatro conceitos ou camadas de cultura: símbolos, heróis, rituais e valores. Na camada dos símbolos então incluídos objetos, palavras e gestos que carreguem um significado particular para os mesmos indivíduos de uma nação. Esses se encontram na camada exterior por serem pouco representativos para uma comparação de culturas, já que são objetos facilmente copiados de uma cultura para outra. Na camada chamada de “heróis” se encontram pessoas ou ícones de uma nação, vivas ou mortas, reais ou não, que podem e influenciam o comportamento de seus membros. Na terceira camada, estão os rituais que, segundo o autor, são considerados essenciais para a manutenção e a vinculação às normas da coletividade. Por último, na camada do núcleo se encontram os “valores”, invisíveis e ocultos aos olhos, expressando os sentimentos e preferências das pessoas, evidenciando o ponto de vista dos sujeitos de como as coisas deveriam ser.

Cultura é sempre um fenômeno coletivo, pois é aprendido no ambiente social, onde as pessoas convivem e assim partilham desse fenômeno. A cultura é aprendida e não herdada, pois deriva do ambiente social e não dos genes. (HOFSTED, 1991 *apud* YAMAGUTI, 2001, p. 13)

Sendo cultura um fenômeno coletivo, ou seja, de grupos e aprendido com o tempo e não herdado, seu conceito vai de encontro com o de identidade, igualmente importante para entender o fenômeno da diáspora haitiana no Brasil, pois “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p. 27).

Para Stuart Hall (2006) identidade é algo intrínseco, individual e não inato, ou seja, construído e desenvolvido conforme o decorrer da vida e do crescimento do sujeito. O autor, que leva em consideração o contexto histórico da pós-modernidade ou da modernidade tardia, argumenta que a descentralização da identidade do sujeito moderno leva à criação de identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas. Da mesma forma, Homi K. Bhabha (2010) descreve as identidades como transitórias e não acabadas, baseando-se em uma visão pós-moderna de cultura, onde

o sujeito vive em um lugar de eterno deslocamento, de transitoriedade. Sendo as identidades formadas individualmente, dentro de culturas diferentes, Hall (2006, p. 8) conceitua identidades culturais como “aspectos de nossas identidades, que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. É nesse movimento de identidades descentradas causadas pela globalização que o autor apresenta o termo “cultura nacional”, que busca a homogeneização de uma nação, através de seus símbolos e representações sociais, criando um discurso – “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50).

Para dizer de forma simples: Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2006, p.59)

Na questão da diáspora haitiana, tendo o sujeito migrado de outra nação, de outra cultura, ele possui outra identidade cultural, diferente da cultura nacional Brasileira. Sendo assim, o migrante acaba por ter de lidar com duas identidades diferentes, por ter de transitar entre dois modos de ser, de agir e de pensar, o que acaba criando uma nova cultura, chamada de “cultura híbrida”. Hall (2006) conceitua hibridismo como “a fusão entre diferentes tradições culturais”, que deixa de lado qualquer espécie de pureza cultural e dá lugar a um novo modo de relação entre os indivíduos de uma mesma convivência, mesclando estórias, memórias, tradições e linguagens (HALL, 2006, p. 88-91).

Bhabha define o hibridismo como:

(...) uma problemática de representação e de individualização colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de conhecimento. (BHABHA, 2010, p. 163)

O autor toma como base o colonialismo e o discurso que moldava a cultura do período. Para ele, o discurso colonial tinha como finalidade “apresentar o colonizado

como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 2010, p. 111), dessa forma, não se discutia diferença cultural, apenas se alimentavam as relações de poder entre colonizador e colonizados.

Para Néstor García Canclini (1990) a hibridação cultural pode ser entendida como “processos socioculturais em que as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”¹⁸ (CANCLINI, 1990, p. 14). Desta maneira, acreditamos na criação de outro espaço, onde as culturas de migrantes e nativos se interrelacionam. Esse espaço criado a partir do hibridismo, chamado de “terceiro espaço” (BHABHA, 2010), oferece diferentes formas de cultura e não apenas as características das culturas que inicialmente o formaram, permitindo uma negociação entre elas, transformando-as a ponto de não notarmos onde uma cultura acaba e a outra começa.

As dificuldades que os imigrantes haitianos enfrentam ao chegarem ao Brasil não se limitam apenas aos problemas de ordem cultural. Sem nenhum tipo de suporte ou ajuda legal, e por vezes, sem nenhum conhecimento da Língua Portuguesa, a maioria desses haitianos “se concentra na extremidade inferior do espectro social de privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional” (HALL, 2003, p.64), o que os leva a aceitarem trabalhos braçais em setores como, por exemplo, a construção civil. Muitos haitianos acabam por ter de “aposentar” seus diplomas, conseguidos através de muito estudo em seu país de origem, pois não recebem o devido reconhecimento de seus méritos no Brasil.

A exclusão social compõe um universo do qual a segregação ambiental é apenas uma das expressões. A dificuldade de acesso aos serviços e infraestruturas urbanos (transporte precário; saneamento ineficiente; drenagem inexistente; dificuldade de abastecimento; difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches; maiores exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos, etc) somam-se menores oportunidades de emprego (particularmente no setor formal), menores oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável.

¹⁸ Tradução nossa de: “procesos socioculturales en los que estructuras o practicas discretas, que existían en forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas”.

Não há como definir um limite preciso entre o “incluído” e o “excluído”. Não se trata de um conceito mensurável, mas de uma situação complexa que envolve a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza, a baixa escolaridade, o oficioso, a raça, o sexo, a origem e principalmente, a falta de voz. (MARICATO, 1994, p. 51)

Em suma, é possível compreender, considerando os conceitos de cultura e identidade anteriormente explicitados, que a comunicação está presente em toda e qualquer expressão de cultura e que a mesma se constrói através de grupos ou indivíduos de uma mesma nação, que partilham das mesmas convicções e valores.

3.2. O processo comunicacional e a comunicação intercultural

A comunicação é um processo fundamental, visto acreditarmos que nenhum indivíduo possa gerar sozinho todas as informações para a tomada de decisão. Devemos considerar ainda o problema da quantidade de barreiras que impedem o fluxo de comunicação e afetam também a transmissão e recepção. (MARCHIORI apud PIEROBON, 2006, p. 49)

A comunicação hoje é uma parte fundamental do nosso dia-a-dia, pois, como afirma Bodernave (1986, p. 19) “a comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social”. Berlo (2003, p. 1) afirma que cada um de nós gasta mais de dez horas, todos os dias, em comportamentos de comunicação verbal. O autor ainda sugere que a comunicação pode ser vista como um processo, onde os acontecimentos e as relações são dinâmicos e contínuos, sempre em mudança e em evolução: “Quando chamamos algo de processo, queremos dizer também que não tem *um* começo, *um* fim, uma sequência fixa de eventos”. (BERLO, 2003, p. 23-24)

Sendo assim, a comunicação entendida como processo comunicacional depende de inúmeras variáveis para a sua existência. Berlo (2003, p. 28-29) afirma que precisamos levar em consideração alguns elementos, como “*quem* está comunicando, *por que* está comunicando, e *com quem* está se comunicando¹⁹”, além de analisar os diversos comportamentos de comunicação como: as mensagens e o que as pessoas

¹⁹ Grifos do autor.

procuram comunicar com elas, o estilo, a forma, os meios e os canais utilizados para tal.

Existiram, e ainda existem, diversos modelos de comunicação. Esses processos se diferem em vários pontos, mas assim como acontece com o termo “cultura”, nenhum desses processos pode ser escolhido como verdadeiro ou real. Um dos modelos de grande repercussão, o precursor, foi o modelo da Retórica, de Aristóteles (*apud* BERLO, 2003), que diz que devemos direcionar nosso olhar a três agentes do processo de comunicação: quem fala, o discurso que faz e a pessoa que o ouve. A partir desse modelo, foram construídos a maioria dos modelos comunicacionais atuais.

O modelo de Shannon-Weaver (*apud* BERLO, 2003), por exemplo, elaborado em 1947 pelo matemático Claude Shannon e pelo engenheiro eletricitista Warren Weaver, é um dos modelos contemporâneos mais usados. Os autores, que apesar de não serem do ramo da comunicação, nem mesmo das ciências humanas, desenvolveram um modelo pertinente e útil para a área de estudos da comunicação, que dividia o processo da comunicação em 5 etapas: 1) fonte; 2) transmissor; 3) sinal; 4) receptor e 5) destinatário.

Em vias de aperfeiçoar o modelo de Shannon-Weaver, Berlo (2003, p. 32) apresenta os seguintes elementos dentro do processo de comunicação:

1. fonte;
2. codificador;
3. mensagem;
4. canal;
5. decodificador;
6. receptor.

De forma simplificada, podemos definir esses elementos como sendo fonte: “uma pessoa ou um grupo de pessoas com um objetivo, uma razão”; codificador: “responsável por pegar as idéias da fonte e pô-las num código, exprimindo o objetivo da fonte em forma de mensagem”; mensagem: o objetivo da fonte; canal: “o intermediário,

o condutor de mensagens”; decodificador: responsável por “retraduzir, para decifrar a mensagem e pô-la em forma que possa usar”; receptor: “o alvo da comunicação” (BERLO, 2003, p. 30-32).

Conhecer os elementos do processo de comunicação é pré-requisito mínimo, e apenas isto não garante a eficiência e a eficácia do processo. É preciso levar em consideração outros fatores, como por exemplo as barreiras, a bagagem cultural e o contexto dos indivíduos envolvidos no processo.

Comunicação não significa necessariamente entendimento. Mesmo quando dois indivíduos concordam que estão se comunicando ou falando um com o outro isso não significa que eles de fato se entenderam. Entendimento ocorre quando os dois indivíduos têm a mesma interpretação acerca dos símbolos usados no processo de comunicação, sejam esses símbolos palavras, gestos ou comportamentos. O executivo americano que oferece flores amarelas na França ou flores brancas no Japão está comunicando algo mas provavelmente não o que ele intenciona. Na França flores amarelas sugerem infidelidade, enquanto que no Japão flores brancas são oferecidas em funerais para indicar compaixão. (HARRIS E MORAN, 1987 *apud* YAMAGUTI, 2001, p. 18)

Segundo os autores Haworth e Savage (1989 *apud* QUEZADA, 2010, p. 17-18) o contexto é parte importante dentro do processo comunicacional, sendo ele o facilitador do entendimento mútuo, já que não adianta transmitir uma mensagem sem que o receptor consiga assimilar a informação e traduzi-la dentro de suas capacidades. O contexto também possibilita a chamada “leitura nas entrelinhas”, onde pouco se diz, mas muito se entende. Além do contexto deve-se incluir outros sinais da comunicação humana, como por exemplo, a comunicação não-verbal, que pode ser caracterizada pela “interpretação da linguagem corporal, como expressões faciais e gestos; pelas distâncias medíveis da interação entre pessoas; sinais olfativos e outros captados pelos cinco sentidos” (QUEZADA, 2010, p. 17). Os autores ainda ressaltam que esses sinais podem acontecer ao mesmo tempo, influenciando um ao outro.

A comunicação é o resultado e a causa do diálogo, a única forma natural do homem viver. Ninguém vive em monólogo, mas os seres humanos não dialogam somente por meio da linguagem escrita ou oral. Os gestos, a entonação da voz, a simples presença física, as ilustrações gráficas e qualquer outro meio suscetível de ser captado pelos órgãos dos sentidos podem servir

de comunicação. (...) tudo o que se vê, se ouve, se sente e se prova é comunicação. (ANDRADE, 1993, p. 103)

Sobre a comunicação intercultural, podemos afirmar que

é um processo de interação simbólica entre indivíduos e grupos que possuem diferenças culturais explicitadas em suas percepções e formas de conduta, de tal forma que essas variações afetam de forma significativa o resultado de um encontro²⁰. (ASUNCIÓN-LANDE, 1993, p. 5)

Os conceitos de cultura e comunicação apresentados até agora servem de base para a compreensão da comunicação intercultural. Segundo Asunción-Lande (1993), a comunicação intercultural ajuda a promover a cooperação e o entendimento entre as diversas culturas, permitindo uma maior sensibilidade cultural e uma apreciação das singularidades de outras culturas, alheias à sua. A autora ainda menciona a importância do estudo da comunicação intercultural como uma ferramenta para entender o impacto da cultura sobre a comunicação.

Para Alsina (1997, *apud* PIEROBON, 2006, p. 57), um dos pioneiros no estudo da interculturalidade, é importante distinguir multiculturalismo de interculturalidade. Enquanto um se refere a coexistência de distintas culturas num mesmo espaço, outro representa as relações efetivadas entre elas.

(...) o multiculturalismo [marca] o estado, a situação de uma sociedade plural desde o ponto de vista de comunidade culturais com identidades diferenciadas. Em consequência, a interculturalidade [faz] referência a dinâmica que se dá entre estas comunidades culturais. (ALSINA, 1997 *apud* PIEROBON, 2006, p. 57)

²⁰ Tradução nossa de: “Así, diremos que la comunicación intercultural es el proceso de interacción simbólica que incluye a individuos y grupos que poseen diferencias culturales reconocidas en las percepciones y formas de conducta, de tal forma que esas variaciones afectarán significativamente la forma y el resultado del encuentro”.

Partindo da noção de que as culturas não se encontram isoladas (PIEROBON, 2006, p. 57), é necessário que se haja uma interação, um diálogo, um respeito mútuo e acima de tudo, é preciso o reconhecimento das particularidades de cada cultura em que se deseja atuar ou conhecer. Essa interação entre membros de culturas diferentes é baseada em suposições culturais próprias de cada um, o que modifica assim a recepção e a interpretação das mensagens emitidas, por isso se nota a importância do conceito de “diferença cultural”, que aponta que certos aspectos de cultura de cada um afeta de maneira direta o grau de eficiência da comunicação (Asunción-Lande, 1993). Por isso, para a concretização da comunicação cultural, faz-se necessário, segundo Touraine (*apud* SILVA, 2006, p. 6), que o indivíduo se desligue previamente de sua comunidade, para que se torne possível a compreensão do “outro” sem medo, receios e inseguranças.

Se buscarmos compreender um povo, temos que tentar colocar-nos, tanto quanto nós podemos, no contexto particular, histórico e cultural. (...) Não é fácil para uma pessoa de um país entrar no fundo da cultura de outro país. Assim, há grande irritação, pois um fato que parece óbvio para nós não é imediatamente aceitado pela outra parte ou não parece óbvio para ela em tudo. (...) A fim de entendê-los, temos de compreender o seu modo de vida e abordagem. Se quisermos convencê-los, temos que usar sua língua, tanto quanto pudermos, não a linguagem no sentido estrito da palavra, mas a linguagem da mente. Essa é uma necessidade. Algo que vai ainda mais longe do que isso não é o apelo à lógica e da razão, mas algum tipo de consciência emocional das outras pessoas. (OLIVER, 1962, p. v. *apud* QUEZADA, 2010, p. 20)

Asunción-Lande (1993, p. 11) aponta também que o fato de sermos conscientes de nossa própria cultura permite com que tenhamos mais sensibilidade frente a outras identidades culturais, conduzido assim a um trabalho em conjunto na tarefa de resolver problemas, diminuindo assim as barreiras comunicacionais.

Ainda mencionando as barreiras dentro da comunicação intercultural, Asunción-Lande (1993, p. 8) identificou algumas variáveis que podem ser encaradas como potenciais problemas no processo de comunicação intercultural, são elas: o idioma, os códigos não-verbais, as concepções de mundo e os padrões de pensamento. Para Quezada (2010, p. 23) “a linguagem é um fator essencial na comunicação intercultural,

pois as pessoas compartilham, dão e recebem informações por meio da linguagem. Por isso, o idioma reflete necessariamente o contexto de uma cultura”. Os autores Jean-Claude Usunier e Julie Anne Lee (2005) ressaltam que a linguagem é o maior componente de uma cultura e que a língua que aprendemos na comunidade onde nascemos é a que estrutura nossa visão de mundo e nosso comportamento social.

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2006, p. 40)

Sendo assim, a linguagem, que pode ser verbal e não-verbal, ou seja, códigos, condutas, expressões corporais e etc, além de desempenhar um papel importante e essencial na comunicação intercultural, deve ser interpretada sempre dentro de um contexto (USUNIER e LEE, 2005, p. 375).

Após a revisão bibliográfica que realizamos sobre cultura e comunicação, notamos a importância que ambos desempenham no mundo contemporâneo, especialmente na questão da diáspora haitiana, tema central deste trabalho. O próximo tópico busca explicitar e conceituar as ONGs e o Terceiro Setor como um todo, sendo as organizações desse setor as envolvidas na ajuda e amparo aos migrantes que recorrem ao Brasil.

3.3. O Terceiro Setor

Para o estudo das instituições de auxílio a haitianos é pertinente que entendamos o que é Terceiro Setor e a que se refere. Pode-se explicar a denominação *Terceiro Setor* diferenciando-o do Estado (Primeiro Setor) e do setor privado (Segundo Setor). A partir do momento em que ambos não conseguem responder às demandas sociais – o primeiro, pela ineficiência; o segundo porque faz parte de sua natureza visar o lucro – surge a necessidade de preenchimento desta lacuna. Sendo assim, essa demanda seria atendida pelo que chamamos de Terceiro Setor, acima da malícia do

setor privado e da ineficiência do Estado, que atua sem finalidade de lucro com atuações de interesse público.

(...) o Terceiro Setor é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não-governamental, dando continuidade a práticas tradicionais de caridade, da filantropia e do mecenato e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil. (FERNANDES, 1997 p.27).

Portanto, o Terceiro Setor é formado por organizações (associações ou fundações privadas) não governamentais, constituídas como sociedade civil organizada, com participação de voluntários na maior parte das vezes, para ações de interesse público em diferentes áreas e segmentos. A expressão “Terceiro Setor” começou a ser usada nos anos 70 nos EUA (SMITH, 1991), porém as organizações filantrópicas que compõem esse setor, por sua vez, não são tão novas. Como exemplo, no Brasil, temos as Santas Casas de Misericórdia, que chegaram ao país com Dom João VI no século XVIII. A partir do crescimento do modelo de terceiro setor dos EUA, nos anos 70, período de ditadura militar brasileira, começam a surgir as chamadas ONGs (Organizações Não Governamentais), dedicadas aos direitos sociais das minorias, dos animais e do meio ambiente (COELHO, 2000).

Não é fácil compreender o Terceiro Setor contemporâneo devido à sua dimensão e grande diversidade de organizações que o compõe: associações ou fundações, laicas ou de teor religioso. Porém, é fato que o setor tem importante papel na sociedade, estando tradicionalmente ligadas à cidadania e direitos e deveres, tanto civis quanto sociais.

Para FERNANDES (1997, p.21)

[...] essas organizações provêm da iniciativa privada produzindo bens e serviços públicos para o consumo coletivo, criando ganhos e satisfazendo as necessidades de todo o povo. Todos os lucros obtidos devem ser reinvestidos nas próprias atividades que são desenvolvidas, conforme orienta a legislação em vigor.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em 2010, o Brasil possui 291 mil fundações e associações de caráter filantrópico.

Apesar das diversas e distintas áreas de atuação do Terceiro Setor, as instituições que o compõe possuem algumas características semelhantes ao setor público. Destacamos aqui algumas marcas do Terceiro Setor:

- Desenvolvem trabalhos de interesse público, mesmo não fazendo parte do Estado. Organizações que têm seus trabalhos relacionados à saúde e educação, por exemplo, estão cumprindo um dever público;
- Não são estatais, porém mantêm o vínculo com o poder público;
- Atuam em áreas em prol da sociedade como: saúde, assistência social, meio ambiente, educação, cultura, lazer, esporte, etc;
- Trabalham a favor da defesa e execução dos direitos da população, principalmente daqueles desprovidos de recursos financeiros das minorias;
- Contam com o trabalho de voluntários;
- Não têm o objetivo de lucro, no sentido de interesse capitalista.

Entre os desafios compartilhados, estão:

- A maior divulgação e entendimento do que são, como são formadas, quais os impactos resultantes e como é a ligação com o Estado e com o setor Privado;
- A busca por recursos materiais para melhor estabilidade financeira, administrativa e técnica.

A construção de uma boa imagem é muito importante para qualquer empresa, até mesmo para as organizações do terceiro setor. A principal dificuldade está no planejamento e disponibilidade financeira para investimento estratégico em comunicação, principalmente no setor estudado. Com as dificuldades orçamentárias no

setor, as instituições se tornam vulneráveis tanto na manutenção de seus negócios como no planejamento da comunicação, fatores que auxiliam na divulgação e, conseqüentemente, perpetuam o seu trabalho. É importante destacar que, apesar de não buscarem o lucro, as organizações de Terceiro Setor visam o superávit, pois é necessário que haja capital para o financiamento das ações desenvolvidas pelas instituições, bem como a manutenção de possíveis gastos com compromissos fiscais, de alocação ou de pessoal.

O principal desafio das instituições do Terceiro Setor está na captação de recursos que financiem seus projetos. Além disso, na maior parte dos casos, a verba existente torna-se fator limitador na tomada de decisões, inclusive com relação à comunicação da organização.

A seguir descreveremos duas organizações que oferecem auxílio para imigrantes haitianos na cidade de Curitiba e serão base para a análise da Comunicação Intercultural deste trabalho.

3.3.1. Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH)

Atendendo ao pedido da Prefeitura Municipal de Curitiba e da organização não governamental Casa Latino-Americana (Casla), o Curso de Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) criaram, em setembro de 2013, o projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária – PBMIH. A iniciativa consiste na concepção de um programa de ensino, pesquisa e extensão de português brasileiro voltado a migrantes na condição de refugiados e/ou em situação de vulnerabilidade social.

O programa envolve vários setores e é o centro de um Programa de Extensão e Pesquisa da UFPR, o Política Migratória e Universidade Brasileira – PMUB/UFPR, o qual se concentra no tema dos fluxos migratórios e na permanência de cidadãos estrangeiros com status de refugiados, portadores de visto humanitário e apátridas no

Brasil e, sobretudo, em Curitiba. Integram o Programa 36 professores e 108 estudantes de graduação e pós-graduação²¹.

Até junho de 2015, o PBMIH atendeu 637 haitianos²². As aulas acontecem semanalmente, aos sábados, das 15h às 18h, com professores de línguas treinados para atender os alunos de diferentes culturas com metodologia apropriada. Atualmente, o PBMIH conta com nove grupos semestrais e aproximadamente 220 alunos. O ensino de língua e cultura brasileira são divididos nos seguintes níveis: Letramento (para alunos que chegam com pouco ou nenhum conhecimento de sua língua materna escrita); Básico I; Básico II; Pré-Intermediário; Intermediário I e Intermediário II.

Em entrevista, a idealizadora do projeto, a aluna doutoranda Bruna Pupatto Ruano, explica o processo de atendimento:

O aluno pode chegar ao projeto em qualquer momento do semestre. Primeiramente, ele passa por um teste de nivelamento, que ocorre todos os sábados paralelamente às aulas, para que se possa avaliar o seu nível de conhecimento de língua portuguesa. Caso haja vaga em uma turma de seu nível, o migrante é prontamente integrado ao Projeto e inicia o curso nesse mesmo dia. Porém, caso seja nivelado em uma turma que esteja lotada, ele entra em uma lista de espera, contudo, naquele dia, assiste a uma aula em uma turma emergencial, que acolhe aqueles que não conseguiram uma vaga imediata no PBMIH. A ideia central do grupo emergencial é, pensando nas necessidades imediatas desses sujeitos recém-chegados, fornecer algumas informações e estruturas básicas de sobrevivência para um primeiro momento em língua portuguesa.

Ruano também mencionou o perfil de haitianos atendidos pelo PBMIH. Em dados estimativos, 90% dos atendidos são de gênero masculino e 95% chegaram até o programa através de informações de amigos e familiares.

Além das aulas de português e cultura brasileira, o projeto organiza eventos de integração, culturais e sociais.

Dois voluntários são encarregados pela comunicação do programa. Eles administram e alimentam a *fanpage*²³ da organização no Facebook, são responsáveis pelos contatos online e contribuem para o desenvolvimento do material impresso com informações básicas direcionadas aos migrantes, nos idiomas português, francês,

²¹ Dados fornecidos pela doutoranda Bruna Pupatto Ruano, idealizadora do projeto.

²² O PBMIH atende em sua maioria alunos haitianos e sírios.

²³ <<https://www.facebook.com/pbmih/>> Acesso em 21/11/2015.

créole e inglês. A *fanpage* do PBMIH é direcionada ao público brasileiro para a divulgação do trabalho, conscientização do processo migratório, bem como a captação de novos voluntários. Os materiais impressos são compostos por *flyers* e cartilhas com informações sobre visto, transporte público, leis trabalhistas brasileiras, números de telefone úteis, cronogramas de atividades do programa, entre outras. A idealizadora do projeto, Bruna, comentou durante a entrevista que um ponto a ser trabalhado é a melhor distribuição desse material impresso em pontos estratégicos, como na sede da Polícia Federal de Curitiba, parada obrigatória para todos os migrantes, que hoje proíbe a distribuição desse material dentro de suas instalações.

3.3.2. Centro de Atendimento ao Migrante (CEAMIG)

Mais conhecida como Pastoral do Migrante, o Centro de Atendimento ao Migrante²⁴ é, na verdade, um dos núcleos da Pastoral do Migrante da Igreja Católica Regional Sul, que inclui o estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A organização é uma iniciativa da Igreja Católica e do Comitê Estadual de Refugiados e Migrantes do Paraná, envolvendo órgãos do governo estadual.

O núcleo de Curitiba, o CEAMIG, fica anexo à igreja, em Santa Felicidade, bairro com grande população de haitianos. Nesse espaço, dezenas de haitianos são atendidos diariamente: desde aqueles que procuram por alimento ou vestuário, até aqueles que procuram ajuda jurídica com questões de visto ou procuram por trabalho. O atendimento é possível, principalmente, a partir de doações de fiéis e vizinhos da região.

Além das áreas de assistência já mencionadas, a igreja proporciona apoio espiritual aos migrantes com missas conduzidas em *créole*. Eventos são organizados para a troca de experiências culturais entre brasileiros e haitianos, assim como, eventos de integração.

A organização também oferece cursos de capacitação profissional em informática, corte e costura e até inglês, mas principalmente aulas de português como língua estrangeira.

²⁴ <<http://pastoraldomigrantereionalsul.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>> Acesso em 20/11/2015.

Durante visita à sede, foi possível notar a falta de voluntários, desde a recepção até o atendimento dos haitianos. Havia apenas uma responsável pelo atendimento do projeto e o fluxo de haitianos no local era grande e constante.

A comunicação do CEAMIG não é feita por um profissional de comunicação, carência que prejudica a divulgação da entidade e a propagação das informações. O website²⁵ é visualmente poluído, sem dinâmica de navegação e sem clareza do seu público-alvo. Os conteúdos publicados estão apenas em português e muitos não estão relacionados ao trabalho realizado. Existe uma aba dentro do website, onde estão dispostas as informações jurídicas a respeito de legalização e visto, onde os documentos estão expostos no corpo do texto, com fontes e cores díspares, dificultando ainda mais a compreensão. A ONG não está presente nas redes sociais e não possui materiais impressos de própria autoria.

²⁵ <<http://pastoraldomigrantereionalsul.blogspot.com.br>> Acesso em 20/11/2015.

4. DANDO VOZ AOS SUJEITOS: ENTREVISTAS COM OS IMIGRANTES HAITIANOS

Para o desenvolvimento desse trabalho acadêmico, foi utilizada a abordagem qualitativa, não enfatizando a representatividade numérica, mas sim, o aprofundamento da compreensão social do fenômeno da diáspora haitiana no Brasil. A escolha dessa abordagem se baseou nas características da visão interpretacionista do método qualitativo, que defende o estudo do ser humano como um ser ativo, entendendo que as pessoas interagem e interpretam o meio ao seu redor, além de construírem sentidos constantemente, o que se contrapõe à visão positivista do método quantitativo, que utiliza levantamentos amostrais, focando no comportamento humano compreendido através de dados brutos (OLIVEIRA, 2009, p. 2-3).

Apesar de utilizarmos métodos vários, o principal procedimento utilizado no desenvolvimento desse trabalho foi o método de História de Vida, abordagem que se encaixa dentro do tipo de pesquisa qualitativa chamado de Estudo de Caso.

O estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. (...) A preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total. O pesquisador usa uma variedade de fontes para coleta de dados que são colhidos (...) com diferentes tipos de sujeitos (OLIVEIRA, 2008, p. 5-6).

O método de História de Vida é essencialmente constituído por fontes de relatos orais, onde o sujeito conta sua própria história, da maneira que quiser. Segundo Moreira (2002, p. 55), a história de vida

busca a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações. Estas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a algum evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre o respondente.

O método é uma vertente da história oral e teve início na obra de dois sociólogos, W. I. Thomas e F. Znaniecki, intitulada de *The Polish Peasant in Europe and*

América (1918), que tinha como tema o processo de (re)organização dos poloneses ao se integrarem à cultura americana. Dentre os cinco volumes e mais de 2.200 páginas da obra, os autores dedicaram um deles exclusivamente para uma autobiografia escrita por um polonês em Chicago: “os dois pesquisadores acreditavam que através do registro da vida de um imigrante poderiam penetrar e compreender ‘por dentro’ o seu mundo” (GOLDENBERG, 2004, p. 28).

Segundo Silva *et al* (2007), a obra de Thomas e Znaniecki foi uma das contribuições mais importantes para a consolidação da *história de vida* como método de pesquisa. A importância dessa obra ainda se estende por ser parte fundamental da chamada Escola de Chicago (1915/1940), um movimento que de acordo com Goldenberg (2004) tinha como marca o desejo de produzir conhecimentos que fossem úteis na solução dos problemas sociais que a cidade de Chicago vinha enfrentando na época, como os problemas migratórios, a pobreza, a criminalidade, o desemprego e as relações raciais.

A expressão “Escola de Chicago” (...) resume em si um movimento que teve, e tem, muito significado para a Sociologia e para a Psicologia Social, compreendendo um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica (desenvolvidos por volta de 1915/1940) por professores e estudantes da “recém” criada Universidade de Chicago (havia sido criada em 1890) (SILVA *et al*, 2007, p. 30).

Ainda nesse contexto, de consolidação de métodos de pesquisas qualitativas, emerge a teoria do interacionismo simbólico, através da presença de George Hebert Mead, que enfatizou que são as interações entre sujeitos que produzem as significações sociais, destacando a importância do sujeito como intérprete do mundo ao seu redor. A produção dessas significações sociais leva o sujeito a uma construção própria de seu mundo social e o propósito da teoria do interacionismo simbólico e das outras metodologias desenvolvidas pela Escola de Chicago foi compreender a melhor forma de entender essas significações individuais. A conclusão foi de que o meio mais adequado seria aquele que permitisse que o pesquisador visse o mundo “através dos olhos dos pesquisados” (GOLDENBERG, 2004).

O objetivo do método de História de Vida é ultrapassar as noções de realidade que o pesquisador possui, compreendendo o universo do entrevistado e como o mesmo

realiza suas construções de sentido social. É importante ressaltar que ao se apropriar do social o indivíduo em sua subjetividade, faz uma (re)tradução dessas construções sociais (SILVA *et al*, 2007). A história de vida visa estabelecer uma relação de cumplicidade entre pesquisado e pesquisador, propondo uma escuta comprometida, engajada e participativa, oferecendo a possibilidade do sujeito pesquisado de (re)significar sua própria construção de sentido frente a sua narrativa.

O método de História de Vida objetiva apreender as articulações entre a história individual e a história coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social. (...) Dessa maneira o método de história de vida pode ser classificado como um método científico, com a mesma validade e eficiência de outros métodos, sendo que o compromisso maior do pesquisador é com a realidade a ser compreendida (SILVA *et al*, 2007, p. 25).

Foi levando em consideração todos os aspectos didáticos e teóricos do tema desta pesquisa que escolhemos os métodos supracitados, onde de maneira subjetiva podemos analisar a construção social e a visão dos próprios imigrantes haitianos residentes no Brasil, mais precisamente na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná.

O método utilizado para a coleta de dados desta pesquisa foi o de entrevista aberta e gravada, onde o pesquisado relatou abertamente seu trajeto de vida, desde sua vida no Haiti até sua vivência no Brasil. Foram selecionados 4 haitianos, de ambos os sexos, da classe trabalhadora, entre as idades de 25 a 35 anos, para que pudéssemos registrar fielmente suas experiências imigratórias sob seus próprios olhares. As entrevistas se deram através de encontros no decorrer da pesquisa. Em todo o processo os pesquisadores visaram o conforto e o bem-estar dos pesquisados, mantendo-se abertos a suas críticas e opiniões, protegendo suas integridades físicas e morais.

A seguir descreveremos nossos encontros com os migrantes haitianos pesquisados neste projeto.

4.1. João e Carlos

Entrevistamos dois estudantes, do gênero masculino do curso de Português para Estrangeiros do CELIN da UFPR de maneira simultânea. João (30) e Carlos (27)²⁶ contaram que chegaram ao Brasil há 16 e 17 meses, respectivamente. Ambos possuem o visto de permanência de 5 anos no Brasil, e relataram a dificuldade no aprendizado da Língua Portuguesa e que sem a mesma se torna muito difícil viver no país. João conta que quando chegou em Curitiba, passou cerca de 3 meses apenas fechado em casa, a qual divide com outros 4 haitianos, por medo de ser abordado na rua por algum brasileiro e não conseguir se comunicar, além de ter que esperar para que a burocracia do seu visto ficasse pronta. A situação de Carlos foi similar.

Enquanto trocavam suas histórias e experiências, João e Carlos deram ênfase à diferença cultural entre o Brasil e o Haiti e o choque cultural que sofreram enquanto se estabeleciam na cidade de Curitiba. Mencionaram como o Brasil, apesar de sua multiculturalidade, não aproveita as suas oportunidades de estudos e que os brasileiros deveriam aprender mais idiomas além do português.

Ambos com ensino superior incompleto no Haiti, disseram que pretendem continuar seus estudos, seja na área que costumavam cursar ou em uma diferente. João também explicou que o Francês não é o único idioma falado no Haiti, coexistindo com o *Créole*, mas que os brasileiros não conhecem essa diferença.

Lá no Haiti nós temos dois idiomas: *Créole* e Francês, mas as pessoa aqui no Brasil acha que todos os haitiano fala Francês, mas não. As pessoa que fala Francês são as pessoa que foram pra escola. Ele pode entender quando a pessoa fala Francês mas vai sempre responder em *Créole*, que é uma deformação do Francês. (Entrevista realizada com o pesquisado João, 2015)

Sobre suas participações em atividades e programas de ONGs, ambos fizeram aulas de português no PBMH e relataram que após maior entendimento do idioma, puderam se desenvolver melhor, tanto profissionalmente (ambos possuem um emprego fixo), quanto em seus relacionamentos pessoais.

²⁶ Nomes fictícios e suas respectivas idades.

Em certo ponto da conversa, Carlos trouxe o tópico relacionado ao preconceito sofrido pelos haitianos em diversas partes do Brasil, como no Estado de Santa Catarina, onde ocorreram alguns homicídios de haitianos. Carlos expôs seu receio em sofrer o mesmo destino, seja por sua etnia ou nacionalidade. Ambos apontaram que os brasileiros precisam conhecer melhor a cultura dos haitianos, podendo assim, desenvolver um maior respeito por eles.

Os pesquisados escolheram o Brasil como destino da sua migração pelo contato desenvolvido pelas operações da ONU no país, e por indicações de amigos que já haviam migrado para o país. João explicou que o terremoto de 2010 prejudicou muito o país natal e as condições de vida da população haitiana. Ambos pretendem voltar ao Haiti, porém, esperam regressar a uma melhor situação, seja do próprio país, seja uma melhora pessoal e cultural, mas que a saudade é grande.

4.2. Ana

Ana²⁷ (23) veio para o Brasil com o irmão há 10 meses e, desde então, frequenta uma igreja na cidade de Curitiba, onde, em suas palavras, sente-se confortada. Ana nos conta que não possui ensino superior, mas que quando conseguir aprender melhor o português – nós a entrevistamos em espanhol – pretende voltar a estudar. Por enquanto, Ana frequenta algumas aulas de português oferecidas por voluntários de sua igreja.

Ana comenta que ainda não possui um emprego e que os horários são complicados. O fato de não falar português também é um empecilho. Ana e o irmão dividem um quarto, o irmão passa o dia trabalhando, mas não gosta que Ana passe muito tempo com outros haitianos, pois a maioria são homens.

Ana e o irmão decidiram vir para o Brasil junto a um grupo, pois as condições em que viviam no Haiti não estavam boas. Quando chegaram ao Acre, Ana conta que a situação era muito precária, havia muitos migrantes e pouca estrutura para todos e,

²⁷ Nome fictício.

assim, decidiram viajar para outro lugar, escolhendo Curitiba, com base nas promessas de melhor qualidade de vida.

A entrevistada, tímida e limitada pela barreira do idioma, disse que o principal para ela no momento é aprender o português e que está se dedicando muito para isso.

Como sugestão, Ana propõe melhor integração de haitianos e brasileiros, não apenas no âmbito da igreja.

4.3. *Ricardo*

Escolhemos o entrevistado Ricardo²⁸ (35) por abarcar uma amostra mais madura da população de migrantes haitianos. Deixou o Haiti há dois anos com a esposa e o filho, com, então, dois anos de idade. Ricardo vendeu os bens que restaram após o terremoto de 2010 para se mudar para o Brasil. Ricardo é formado em economia e atualmente trabalha na área, mas conta que foi muito difícil para conseguir esse emprego.

Ricardo e a esposa começaram a estudar Português assim que chegaram ao Brasil e hoje já conseguem se comunicar com maior facilidade, mas enfatizam que o português foi a ferramenta mais importante para a estabilização do casal. A esposa de Ricardo trabalha como zeladora durante meio período, quando o filho do casal está na creche. A rotina do casal é cansativa, mas Ricardo relata que ainda assim a situação está melhor do que a que viviam em seu país natal.

Ativo, Ricardo faz questão de participar de projetos de ONGs que envolvem o seu povo. Sempre encontra maneiras de ajudar quem precisa, chegando a se oferecer para ensinar Português a alguns haitianos recém-chegados.

Ricardo acredita que o trabalho das instituições que auxiliam os migrantes é de grande importância, mas ainda é pequeno. Sugere uma maior divulgação das atividades, chegando a mencionar talvez patrocínios de grandes empresas ou redes de televisão.

²⁸ Nome fictício.

A família de Ricardo não pensa mais em regressar ao Haiti, pensa em crescer e se estabilizar no Brasil.

4.3. Resultados

É possível identificar claramente a barreira da linguagem como principal dificuldade dos migrantes haitianos entrevistados. Apesar de todos estudarem o idioma desde que chegaram ao Brasil, nota-se que a dificuldade de aprendizado é grande, seja pelas diferenças linguísticas, tanto fonéticas quanto gramaticais. Sendo a comunicação “uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social” (BERLO, 2003, p. 1), enquanto não houver a compreensão básica do idioma, o migrante vive em uma constante exclusão social, privado de seus direitos básicos como cidadão.

Para os haitianos entrevistados, o trabalho das instituições de apoio é essencial para sua inserção no meio, colaborando ativamente para a melhora da qualidade de vida. Todos se mostraram muito agradecidos pelo acolhimento, mas, com todas essas barreiras comunicacionais, algumas informações se perdem no decorrer do processo. O resultado, muitas vezes, é a dificuldade de socialização, o medo, o receio de se inserir em uma cultura e de não ser aceito pelos membros dela por não falar o seu idioma e não conhecer os seus hábitos.

Notamos também o espanto e o desapontamento nos discursos dos haitianos entrevistados quando mencionaram os casos de crimes contra seus conterrâneos em solos brasileiros. Eles pedem respeito e enfatizam que o conhecimento da cultura pode levar a compreensão um do outro.

5. CONSIDERAÇÕES

Considerando os eixos teóricos acima descritos, as características do Terceiro Setor, as instituições de auxílio a haitianos analisadas por este trabalho e as entrevistas realizadas, nota-se que é necessário que se atribua maior destaque, valor e desenvolvimento da comunicação, tanto organizacional quanto intercultural, para o melhor desempenho e eficiência das referidas organizações frente ao seu público-alvo.

Com um processo comunicacional melhor estruturado, é possível fazer com que todos os segmentos da organização consigam se desenvolver de maneira simultânea, abrangendo todos os públicos da organização, sejam eles internos ou externos, brasileiros ou haitianos.

Analisando as mídias online de ambas as ONGs, identificamos modos de utilização distintos. A PBMIH possui uma página na rede social Facebook²⁹, onde realiza a divulgação de suas atividades, conteúdo esse voltado ao público brasileiro. Dessa forma, o programa consegue despertar o interesse de prósperos voluntários e parceiros. Em contra partida, o CEAMIG está presente apenas em um website próprio³⁰, com informações desorganizadas, tendo um layout confuso e de baixa qualidade de visualização. O responsável pela atualização do website não é um profissional de comunicação, o que torna confuso o direcionamento de público-alvo, não se destinando nem a brasileiros, nem a haitianos. As publicações são sempre em português, textos longos e que, apesar de bem redigidos, não se destinam aos haitianos que desejam participar das atividades da ONG e nem chamam a atenção de pessoas que desconhecem o trabalho da instituição. Através de visita à sede do Centro de Atendimento, notou-se a precariedade e necessidade de mais voluntários na instituição, pois havia apenas uma responsável para um fluxo grande e constante de haitianos. Um melhor aproveitamento do website poderia levar a um maior conhecimento da população, motivando-a a colaborar e participar das atividades promovidas pelo CEAMIG.

²⁹ <<https://www.facebook.com/pbmih/>> Acesso em 21/11/2015.

³⁰ <<http://pastoraldomigranteregionalsul.blogspot.com.br/>> Acesso em 21/11/2015.

A divulgação na mídia externa de ambas as ONGs ainda é baixa, prejudicando o desenvolvimento de suas atividades, não divulgando seus projetos, programas, atividades culturais, feiras ou ações coletivas, levando com que apenas o público que já conhece as organizações e uma pequena parcela dos que não conhecem se inteirem e interessem pelos eventos. A melhoria da divulgação na mídia externa faria com que a PBMIH conseguisse divulgar seus métodos de ensino, aprendizagem e inserção do migrante no novo ambiente cultural, alcançando outras instituições que poderiam progredir tendo a instituição como modelo para a implementação de novos programas. Um dos anseios da idealizadora do PBMIH é que, com a multiplicação do método utilizado, outras instituições estejam aptas a atender as pessoas que hoje estão nas filas de espera. O desejo do programa não é aumentar, e sim, multiplicar, podendo assim manter a qualidade nos atendimentos. No caso do CEAMIG, a mídia externa colaboraria com a divulgação de suas atividades e necessidades, trazendo novos colaboradores ao projeto, bem como maior arrecadação nas campanhas de doação, seja de roupas ou alimentos.

Através dos resultados de campanhas de comunicação, é possível promover a multiplicação dos métodos utilizados no PBMIH, o aumento do número de voluntários e de arrecadações no CEAMIG, e as organizações poderiam atender a principal queixa dos haitianos entrevistados, aumentando o número e a frequência de aulas, assim como a assessoria a esses imigrantes. Levando em consideração as experiências de todos os entrevistados quanto à importância do domínio do português brasileiro, nota-se que este é o principal fator de inserção e familiarização social e cultural no novo ambiente e esta ação faria uma grande diferença na vida dos indivíduos potencialmente atendidos.

Esses migrantes, representados pelos entrevistados, buscam integração cultural e social, bem como a aceitação da sociedade. Uma possível solução para essa carência seria o maior conhecimento de ambas as culturas, tanto da parte do migrante, quanto do brasileiro, proporcionando assim, o respeito mútuo pelas características e diferenças de cada grupo. O estranhamento do diferente causa medo e o preconceito e a inserção social e o respeito acontecem a partir do conhecimento e entendimento.

A comunicação faz parte do cotidiano da sociedade e está presente em todos os lugares: comunicamos mesmo sem intenção. No contexto da diáspora haitiana, a comunicação assume papel fundamental. Através do conhecimento do processo comunicacional de ONGs que oferecem auxílio a migrantes, podemos identificar falhas e problemas, causadores de barreiras comunicacionais. A comunicação intercultural colabora para que essas barreiras sejam desconstruídas, fazendo com que o fluxo comunicacional funcione de maneira efetiva. Além de colaborar com o processo comunicacional, a interculturalidade proporciona o maior conhecimento de outras culturas, fazendo com que os indivíduos desenvolvam a tolerância e o respeito ao próximo.

6. REFERÊNCIAS

ASUNCIÓN-LANDE, Nobleza. **Comunicación Intercultural**. 1993. Disponível em <<http://www.lie.upn.mx/docs/Diplomados/LineaInter/Bloque3/Políticas/Lec3.pdf>>. Acesso em 25/09/2015.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender relações públicas**. São Paulo: Loyola, 1993.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2010.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Mexico D.F.: Editorial Gribaldo, 1990.

COELHO, Simone de Castro Tavares. **Terceiro Setor - Um Estudo Comparado entre Brasil e Estados Unidos**. São Paulo: Senac, 2000.

COGO, Denise. **Comunicação e migrações transnacionais: o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos**. REU. Sorocaba, 2014.

COSTA, Selma Frossard. **O Serviço Social e o Terceiro Setor**. Londrina. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v7n2_selma.htm>. Acesso em 26/10/2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CURSINO, Carla; RUANO, Bruna. **O ensino de português brasileiro como língua de acolhimento: projeto PBMIH-UFPR - um estudo de caso**. 2015.

DUTRA, Luiza Corrêa de Magalhães. **O Acolhimento Institucional dos Refugiados e Migrantes no Brasil**: um estudo de caso sobre a integração social dos haitianos residentes em Porto Alegre/RS. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

ESQUIVEL, Adolfo Pérez. **Haiti por si**: A reconquista da independência roubada. Fortaleza: ADITAL, 2013.

FERNANDES, Rubem César. **Privado, Porém Público - O Terceiro Setor na América Latina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio De Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denisel Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **Responsabilidade social: das grandes corporações ao terceiro setor**, Ática, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese de Doutorado defendida para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HARRIS, Philip Robert; MORAN, Robert T.; MORAN, Sarah V.. **Managing Cultural Differences: Global leadership strategies for the 21st century.** Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2004.

IBGE, **As Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil - 2012.** Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Fundacoes_Privadas_e_Associacoes/2010/fasfil.pdf>. Acesso em 22/10/2015.

LOUIDOR, Woody Edson. **Uma história paradoxal.** In: Travessia, revista do migrante. CEM. Nº 70, 2013.

MARCHIORI, Marlene. **Cultura e comunicação organizacional.** São Caetano: Difusão Editora, 2006.

MARICATO, Erminia. **Exclusão Social e Reforma Urbana.** Proposta: Rio de Janeiro, 1994.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NIELSEN, Waldemar. **The Third Sector: keystone of a caring society.** 1980.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA:** Tipos, técnicas e características. In: Revista Travessias: Cascavel, Unioeste, v. 2, n. 3, 2008.

PIEROBON, Juliana. **A comunicação em contextos interculturais:** a excelências das relações públicas em organizações multinacionais. Monografia de conclusão de curso de Comunicação Social - Relações Públicas na Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2006.

PIMENTEL, Marília; COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil.** Universitas Relações Internacionais. Brasília, 2014.

ROSA, Helaine. **Organização e cultura organizacional**: tentativas epistemológicas. Artigo apresentado no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação: Salvador, 2002.

SEMENICK, Richard, BAMOSSY, Gary. **Princípios de marketing**: uma perspectiva Global. São Paulo: Makron Books, 1995.

SILVA, Aline Pacheco *et al.* **"CONTE-ME SUA HISTÓRIA"**: Reflexões sobre o método de História de Vida. In: MOSAICO: estudos em psicologia: Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, Joaquim Paulo. **Interculturalidade e transdisciplinariedade**: mudança social e saber no campo das teorias e práticas do desenvolvimento social. Disponível em: <www.cplhts.com/PDF/Joaquim%20Silva.pdf>. Acesso em: 25/09/2015.

SMITH, David Horton. **Four Sectors or Five? Retaining the Member-Benefit Sector. Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**. V. 20 N. 2, 1991, pp.137-50.

USUNIER, Jean-Claude; LEE, Julie Anne. **Marketing across cultures**. Harlow: Pearson Education Limited, 2005.

YAMAGUTI, Berenice Aiko. **Comunicação Intercultural**. 2001. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/TCC/trabalhos/TCC_Berenice%20Aiko.pdf>. Acesso em 10/09/2015.

7. ANEXOS

O caminho dos haitianos

As rotas usadas para chegar do Haiti ao Brasil



	PAÍS	CIDADE	
1	Haiti	Porto Príncipe	
2	Rep. Dominicana	Santo Domingo	ÔNIBUS
3	Panamá	Cidade do Panamá	AVIÃO
4	Equador	Quito	AVIÃO
5	Peru	Tumbes	ÔNIBUS
		Piura	
		Lima	
		Cuzco	
		Puerto Maldonado	
		Iñapari	
6	Brasil	Brasília (AC)	ÔNIBUS

G1.com.br

Infográfico elaborado em 19/5/2015

ANEXO 1 – IMAGEM ILUSTRATIVA DA ROTA REALIZADA PELOS MIGRANTES HAITIANOS.

FONTE: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/estamos-em-emergencia-diz-padre-que-acolhe-haitianos-em-sp.html>> ACESSO EM 28/05/2015.